



**Instauratio Magna**

Revista do Programa de Pós-Graduação  
em Filosofia da Universidade Federal do ABC  
**v. 1, n. 1 (2021): Edição Inaugural**

Entrevista

**Prof. Dr. Fernando Costa Mattos e  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Zaterka**

Realizada por  
**Izabela Loner Santana e  
Pedro Casalotti Farhat\***

Universidade Federal do ABC  
São Bernardo do Campo (SP)

Entrevista sobre a história do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFABC com Prof. Dr. Fernando Costa Mattos e Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Zaterka, conselheiro e conselheira da Revista de Filosofia Instauratio Magna, docentes do Bacharelado e da Licenciatura em Filosofia, do Bacharelado interdisciplinar em Ciências e Humanidades e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Integraram juntos as primeiras coordenações do Programa.

\* A entrevista foi realizada no dia 16 de outubro de 2020 por Pedro Farhat e Izabela Loner, editor e editora responsáveis.

**Revista de Filosofia Instauratio Magna [RFIM]:** *Vocês poderiam reconstruir a história do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do ABC (UFABC)? Como surgiu a ideia e a necessidade de implementá-lo?*

**Fernando Costa Mattos [FCM]:** Acho que vale começar pelo seguinte: o Bacharelado em Ciências e Humanidades começou em 2010 e os cursos de filosofia em 2011. Minha história na UFABC começa quando passei no concurso para professor no segundo semestre de 2010 e mesmo antes de efetivamente ingressar como docente — o que só foi possível em 2011 por conta das eleições —, já tinha participado, junto de outros professores recém-contratados, de algumas reuniões de elaboração dos projetos pedagógicos dos cursos de filosofia. Eram poucos docentes e, até onde sei, o grande fluxo de entrada foi entre 2011 e 2013, quando o número cresceu bastante.

Não me lembro de como exatamente surgiu a discussão sobre a possibilidade de haver um curso de pós-graduação, mas, entre uma conversa e outra, foi surgindo essa ideia, sendo que começamos a discutir como realmente dar esse passo por volta de 2012. Eu acho que essa discussão surgiu de uma forma muito natural, pois, em uma universidade pública com graduação em filosofia, se há projetos e pretensões para o futuro, almejando alcançar um nível de excelência (como já era o caso), a criação de um programa de pós-graduação é, a meu ver, fundamental.

Eu me lembro de que o Prof. Daniel Pansarelli era um dos que tinha mais firmeza na ideia de criar a pós-graduação em filosofia, tendo sido ele quem me sugeriu assumir o projeto, provavelmente no final de 2011 ou começo de 2012. Assim, foi feita uma consulta aos demais colegas e, tendo todas e todos concordado, eu fiquei responsável por começar a pensar o Programa. Comecei a me informar sobre quais eram os procedimentos necessários, o que tínhamos de fazer para criar um curso de pós-graduação e só então eu soube que deveríamos montar uma proposta de APCN (Avaliação de Propostas de Cursos Novos)<sup>1</sup>, isso já no ano de 2012.

A Prof<sup>a</sup>. Luciana Zaterka entrou na UFABC em maio de 2012 e, como eu estava trabalhando com isso e já nos conhecíamos de ocasiões anteriores, em algum momento conversamos, ainda no Campus de Santo André da UFABC, e a chamei para me ajudar, pois vi que a tarefa não era nada simples, especialmente na montagem do APCN. Lembro-me de chegar ao final de 2012 precisando bater o martelo sobre essa questão da proposta, tendo em vista que o prazo para enviar o APCN era abril ou maio de 2013.

Elaboramos e enviamos juntos a documentação até o final

---

<sup>1</sup> Documento necessário para solicitação de abertura de novos cursos de pós-graduação na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) [N. E.].

daquele ano de 2012 e, no entanto, em 2013 a proposta ainda não foi aprovada, tendo sido um dos principais argumentos contrários à abertura o fato de, à época, os cursos de graduação serem muito novos, não tendo decorrido tempo suficiente para nossos alunos de graduação entrarem na pós-graduação. Acredito que a Luciana possa falar mais sobre isso.

**Luciana Zaterka [LZ]:** Concordo com o Fernando, que tem toda razão sobre o motivo para o primeiro APCN ter sido recusado. Mas isso ocorreu também porque a área de filosofia é uma área muito tradicional e normalmente requer que os Programas tenham uma solidez suficiente para começarem. Naquele momento, havia um conjunto de fatores que, assim, levaram à recusa do primeiro APCN, o que, como o Fernando vai continuar a explicar, levou a uma redistribuição das linhas de pesquisa e a uma melhor estruturação do Programa, inclusive com grande apoio institucional da UFABC, o que felizmente levou à sua aprovação no final de 2014.

**FCM:** Sim, o Prof. Gustavo Martini Dalpian, pró-reitor de pós-graduação à época [2014-2016], fez um trabalho muito bom internamente à UFABC para nos ajudar e a UFABC como um todo teve uma importância grande nesse processo: eu comecei a participar, entre o final de 2011 e começo de 2012 das reuniões da Comissão de Novos Cursos de Pós-Graduação [CNPGE], criada na gestão do Prof. Carlos Alberto Kamienski [pró-reitor de pós-

graduação entre 2010 e 2014]. A ideia era fomentar a criação de cursos de pós-graduação na UFABC, que era uma Universidade nova e tinha, portanto, poucos cursos desse tipo. Isso levou a administração a ter uma postura muito solícita nesse sentido, nos ajudando em relação ao APCN, dando informações que poderiam nos ajudar na estruturação do Programa, chegando mesmo a orientar nosso trabalho. A CNPG foi realmente muito importante, e funcionou durante o processo de mudança da Reitoria, que em 2014 passou ao Prof. Klaus Capelle [Reitor da UFABC entre 2014 e 2018].

No entanto, devo dizer algo sobre a Coordenação de área da CAPES. Ainda que houvesse resistência por parte da área, acredito que devemos agradecer muito os Coordenadores da CAPES à época, o Prof. Danilo Marcondes [PUC-Rio] e o Prof. João Carlos Sales [UFBA], que vieram até a UFABC com financiamento da Pró-Reitoria de Pós-Graduação [PROPG] e conversaram muito conosco, nos aconselharam, tendo sido muito solícitos. Lembro que foi importante a visita de ambos, pois o João Carlos veio em 2013 e conheceu apenas o Campus Santo André, mas o Danilo nos visitou em 2014, quando já estava pronto o Campus São Bernardo do Campo, o que certamente foi relevante, pois ele conheceu onde efetivamente ficariam os cursos de graduação e pós-graduação em filosofia.

**LZ:** De fato, é importante ressaltar esse lado político da criação

de um Programa de pós-graduação, em especial na área de filosofia, a qual possui uma tradição muito grande e acredita na necessidade de amadurecer melhor os projetos antes de aprová-los. Tendo isso em vista, foram fundamentais as nossas presenças em diversos grupos, em congressos e no encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF). As conversas com os Coordenadores que o Fernando mencionou, mas também com pessoas que nos aconselharam de diferentes formas, como o Prof. Marcelo Carvalho [UNIFESP/UFABC] e o Prof. Vinicius de Figueiredo [UFPR/UFABC], foram essenciais também no processo de elaboração e aprovação do APCN para o Mestrado, já em 2014, mas também, e em especial, para o Doutorado, em 2019.

**FCM:** Sim e nesse processo de avaliação há uma tradição, que inclusive se repetiu, como vamos falar mais adiante, com o Doutorado, que foi a princípio negado em 2018 e, depois, aprovado.

**RFIM:** *Sobre a criação do Mestrado e do Doutorado, vocês poderiam nos contar como foi o momento em que receberam as notícias de aprovação e procederam com a efetivação de ambos os cursos?*

**FCM:** Em 2014, o APCN foi aprovado e, salvo engano, a notícia da aprovação chegou por e-mail para mim no dia 24 de dezembro de 2014. Lembro que chegamos a brincar que se tratava de um

presente de Natal! [risos] Assim, em 2015 começaria efetivamente o Mestrado. Após o retorno do recesso, no final de janeiro, nos reunimos para montar o processo seletivo, que queríamos que ocorresse ainda no primeiro quadrimestre para receber os ingressantes já no segundo quadrimestre, o que não ocorreu, pois havia pouco tempo e, após uma série de discussões sobre o regimento interno, pudemos elaborar o processo seletivo para que ocorresse no segundo quadrimestre, com ingresso no terceiro.

Naquele momento eu me tornei o primeiro coordenador do PPG-FIL, tendo a Luciana de vice-coordenadora, e o mandato era de fevereiro de 2015 a fevereiro de 2017. Se não me engano, a primeira Comissão de Seleção foi composta pelo Prof. Daniel Pansarelli, a Prof<sup>a</sup>. Marília Pisani e a Luciana, mas eu, como Coordenador, permaneci na retaguarda para ajudar em qualquer questão. Foram aprovados 17 ingressantes nessa primeira turma e o processo seletivo começou a ser recorrente, todos os anos desde 2015. No entanto, mais adiante, eu tive de sair da coordenação e a Luciana precisou assumir a posição.

Em Agosto de 2016, o Prof. Klaus Capelle me convidou para assumir a PROAP [Pró-reitoria de Assuntos Comunitários e Políticas Afirmativas], e, então, a Luciana tornou-se a Coordenadora durante os últimos seis meses do mandato e posteriormente acabou reconduzida para ficar mais dois anos, até 2019.

**LZ:** Exatamente! E mesmo com essa transição e em outro cargo, Fernando continuou nos acompanhando e ajudando de perto. Na minha recondução ao cargo, acabei chamando a Prof<sup>a</sup>. Cristiane Negreiros para a vice-coordenação. Chamei-a porque a considero uma pesquisadora de ponta e, portanto, considerava-a ideal para estar ao meu lado nesse momento, por volta de 2017. Posteriormente, por motivos pessoais, ela precisou se afastar e, como em 2018 o Fernando estava saindo da PROAP e se tornando Coordenador da Editora da UFABC, ele pôde assumir a vice-coordenação.

Foi neste momento em 2017, já com a terceira turma por ingressar no Mestrado, que começamos a pensar no Doutorado, algo que precisava ser feito com cuidado, pois era necessário um grupo menor de professores, sendo o grande desafio decidir quem seriam os professores que fariam parte da proposta e qual a "cara" que gostaríamos de dar para esse Doutorado, se seriam as mesmas disciplinas do Mestrado, quais especificidades estariam envolvidas no ingresso e outros tópicos.

Evidentemente, como sempre, essas questões foram discutidas e decididas democraticamente, com a participação de todas e todos. No entanto, a contribuição que o Prof. Marcelo Carvalho nos deu na elaboração da proposta de Doutorado deve ser reconhecida, pois além dele possuir um carinho enorme pelo Programa e ser morador da região do ABC, desejando apoiar nossas atividades,

ele veio a se somar ao grupo, não apenas apoiando no quesito de produtividade, mas também e principalmente por ser ex-presidente da ANPOF, conhecer as pessoas na CAPES, sendo politicamente importante a sua presença no Programa, além de ter uma vasta experiência em geral.

Superadas as dificuldades de elaboração da proposta (lembro-me de passarmos por várias reuniões longas, de 4 ou 5 horas, em que discutimos ponto a ponto do APCN), chegamos em uma elaboração muito boa [em 2018], em que fechamos o primeiro grupo de professores que participaria e enviamos a proposta para a CAPES. No entanto, para minha surpresa (pois eu estava otimista), o resultado foi negativo. Começaram a apontar coisas que para mim e para o Fernando não faziam sentido, coisas que nem estavam direito no APCN ou que contradiziam as orientações da própria CAPES, como a presença de docentes que não estavam exclusivamente no PPG-FIL.

O principal problema, no entanto, do ponto de vista da avaliação, era que o Programa ainda possuía a nota 3 na CAPES<sup>2</sup>, pois havia sido criado muito recentemente e não poderia ter sido avaliado ainda. Mas o que mais nos preocupava é que para a CAPES

---

<sup>2</sup> As notas servem para classificar os PPG's de todas as áreas na CAPES, indo de 3 (mais baixa) até 7 (mais alta), e são utilizados uma série de critérios, que em geral mudam a cada avaliação. Programas recém-abertos recebem a nota mínima (3) até serem avaliados no processo quadrienal, quando podem, normalmente, subir de nota. A nota mínima, naquele contexto, para que a CAPES aceite a abertura do curso de Doutorado, era 4. [N. E.]

isso não poderia ser retificado antes de 2021! Isso era ruim, pois a produção do PPG-FIL já era igual e até mesmo superior à de outros Programas, os quais eram nota 4! Assim, nós recorremos e nessa fase de recurso indicamos que o Programa não havia sido efetivamente avaliado e que, se assim o fosse, deveria ser considerado nota 4. No entanto, a então diretoria da CAPES à época foi extremamente relutante em compreender a situação específica do Programa e, com isso, foi novamente negada a criação do Doutorado, utilizando os mesmos argumentos de antes.

**FCM:** Apenas um complemento sobre isso. De início, a área [de filosofia] havia negado a proposta, mas, com o recurso, a área aceitou e, somente então, a diretoria da CAPES, através do CTC [Conselho Técnico-científico], não acatou nosso recurso, impedindo a abertura do Doutorado com base nos mesmos argumentos de antes.

**LZ:** Boa lembrança Fernando, pois isso mostrou já na época como a área nos via como um Programa forte e estabelecido e que apesar de ser um Programa jovem e contar com alguns professores em outros programas, isso era positivo e se refletia numa produção em ascensão. Resolvemos, com isso, preparar uma nova proposta a ser enviada posteriormente.

Nesse momento, inclusive, passei a Coordenação para a Prof<sup>a</sup>.

Nathalie Bressiani, que incorporou todas as objeções feitas anteriormente no próprio documento, mostrando como elas não procediam. Levando isso em consideração e indo um pouco além, no entanto, fizemos duas modificações centrais no APCN: alguns professores com baixa produtividade saíram da proposta e outros, com mais produções, ingressaram, o que foi importante para ampliar nossas chances de criar o Doutorado.

Somente no final de 2019, como que de surpresa, foi aprovada a proposta na área e no CTC, que o fez com unanimidade. Apesar do período turbulento pelo qual já passava o país naqueles tempos, foi com enorme surpresa e alegria que conseguimos ser aprovados, após o trabalho da Nathalie, que conseguiu, portanto, dar continuidade e efetivar o que havíamos feito antes.

**RFIM:** *Tendo em vista esse contexto de formação do Programa, como vocês veem a diversidade das pesquisas, ainda no início das discussões de criação do PPG-FIL?*

**LZ:** Olhando retrospectivamente para essa época, eu vejo um ponto, inclusive teórico, importante de ressaltar, um elemento quase intrínseco à filosofia que nós encontrávamos muito presente nesse momento: existiam muitas filosofias e pessoas com as mais diferentes formações nesse grupo de professores e, portanto, havia posições conflituosas. Por isso, sempre há uma tensão entre posições mais ousadas e outras mais acanhadas,

isto é, desde o início houveram variadas considerações sobre questões metodológicas, historiográficas e temáticas, e todas estavam presentes na criação do Programa.

**FCM:** Realmente, havia desde o início uma grande heterogeneidade entre as pessoas que trabalhavam no Programa.

**LZ:** Isso! Uma heterogeneidade muito significativa, diferente de outros Programas e grupos que eu conhecia, tendo sido o mais difícil, para mim ao menos, aprender a lidar com as diferentes pessoas, em especial nos momentos em que eu era coordenadora do Programa. Tive de aprender a ter “jogo de cintura” para juntar os grupos, sendo isso algo muito importante, um aprendizado que tirei do convívio com o Prof. Fernando, com o Prof. Marcelo Carvalho e com o Prof. Daniel Pansarelli, que, de diferentes maneiras, me ensinaram muito nesse sentido.

E eu acho que essa questão é importante até hoje, já com o Doutorado, pois essa heterogeneidade gigantesca se repercute nas dissertações, nos artigos, nas produções em geral. Existem, por um lado, preocupações mais ligadas à história da filosofia, mas, por outro, também somos muito procurados hoje para atender temas de cunho contemporâneo, seja na epistemologia, seja na ética. O que importa, no entanto, é que temos uma heterogeneidade muito grande nas abordagens e posições, o que tornou as coisas um tanto desafiadoras para mim e para o

Fernando, desde o início.

**RFIM:** *Com relação à procura pelo Programa: como foram os processos seletivos, segundo as impressões de vocês, e como eles ajudaram na composição do perfil discente no Programa?*

**LZ:** O que me chamava a atenção é que, desde o início, nós tivemos uma procura muito grande e eu acho, até hoje, que nesse sentido há uma diferença entre os cursos de graduação e de pós-graduação. Não entendo muito bem por que os nossos cursos de graduação não são tão procurados e eu diria até, menos valorizados, do que a pós-graduação. Nós tivemos procura de 60, 70 e até 90 candidatos por processo de Mestrado, algo muito distinto do que ocorre na graduação, em que os cursos são menos frequentados.

Eu atribuo essa procura da pós-graduação a duas razões: a) à localização estratégica da UFABC, que está próxima a São Paulo, próxima da Baixada Santista, mas em especial no ABC paulista, regiões que possuem demanda por esse tipo de curso; b) por conta do corpo docente, que além de jovem, está desde o início inserido nos principais grupos de pesquisa do país, possuindo muitos contatos em diversos âmbitos da área de filosofia.

Agora, o estranho é que a graduação não recebe um público tão grande e essa questão sempre fica para mim: por quê? Será que

isso ocorre pela história da criação dos cursos de filosofia na UFABC, que de início eram mais vinculados à filosofia da ciência e apenas depois os professores das diferentes áreas começaram a reivindicar a autonomia de suas áreas? Para mim, ainda há alguma coisa que não fecha nessa história. Eu acho, inclusive, que nós professores, que nos engajamos na solidificação do Programa, precisamos nos voltar um pouco para a graduação e fazer um trabalho nesse sentido no Bacharelado e na Licenciatura, tentando entender o que ocorre.

**FCM:** Concordo com a Luciana em ambos os pontos. Nas solicitações para abrir os cursos, nós já fazíamos uma estimativa nesse sentido, vendo como, apesar de existirem pelo menos três grandes programas de pós-graduação em filosofia na Grande São Paulo, a UFABC está na região do ABC em que não havia nenhum Programa e estamos próximos da Baixada Santista, em que também não há nenhum, sendo 2 milhões e meio de habitantes no ABC e 2 milhões na Baixada Santista, nos colocando em condições de atender uma população de pelo menos 4 milhões e meio de pessoas, fora as Zonas Leste e Sul de São Paulo, que também são próximas ao ABC.

Em relação a essa diferença com a graduação, inclusive, penso que é relevante tratar da questão da presença feminina na filosofia da UFABC. Até onde eu sei, nós éramos, até pouco tempo atrás, o Programa com mais docentes mulheres e o com menos discentes

mulheres no Brasil, uma situação muito paradoxal e que, acredito, está relacionada com a nossa forma de lidar com a graduação.

Nesse sentido, é importante ressaltar também que a própria graduação passa por um processo um tanto paradoxal, pois de um lado temos a formação interdisciplinar na graduação, que é muito boa e útil para qualquer estudante de filosofia, pois, se ele sai do Ensino Médio e faz um curso de filosofia como o da Universidade de São Paulo, por exemplo, ele será provavelmente um aluno que conhece muito pouco da “realidade”, pois tem muito mais chance de ser só um estudante de história da filosofia.

A formação interdisciplinar abre muito mais a cabeça do estudante, tanto que é muito comum, entre estudantes de filosofia, encontrarmos pessoas que vieram ou estão indo para outras graduações. Nós mesmos somos exemplos disso: a Luciana fez química e eu fiz direito antes de irmos para a filosofia. A formação “pura” em filosofia parece possuir certo déficit em termos de conhecimento de outras áreas do saber, algo que a UFABC e o BCH ajudam a diminuir muito.

Por outro lado, esse elemento faz com que tenhamos uma nota de corte maior na nota do ENEM [Exame Nacional do Ensino Médio] e que torna, pela minha impressão, a dificuldade de entrar na filosofia da UFABC maior do que de entrar na filosofia de outras universidades mais tradicionais. Por isso, o que ocorre

é que, em turmas de ingressantes no BCH [Bacharelado em Ciências e Humanidades], nas turmas de Temas e Problemas em Filosofia que eu ministro, por exemplo, a grande maioria dos alunos entra pensando em fazer o Bacharelado em Relações Internacionais ou o Bacharelado em Ciências Econômicas, alguns o Bacharelado em Políticas Públicas e o Bacharelado em Planejamento Territorial e uma minoria entra com a intenção de cursar os cursos de Filosofia.

A própria forma de organização do ingresso na formação interdisciplinar leva os estudantes a preferirem outros cursos que não a filosofia, o que gera este cenário que temos hoje. Essas são, portanto, algumas questões muito importantes, e devem nos levar a pensar (o que ninguém fez ainda, a meu ver) estratégias para atrair esses alunos ingressantes que por princípio não pretendiam cursar filosofia, o que será certamente um desafio sério.

**RFIM:** *Para encerrar esta parte histórica, queríamos saber quais são os desafios e perspectivas hoje, 2020, tendo em vista os contextos político e social, isto é: como vocês veem a área e os desafios que estão postos?*

**LZ:** Esse último ano, um tanto turbulento, foi um ano em que eu e Fernando nos reaproximamos da Prof<sup>a</sup>. Nathalie, apoiando a coordenação e assumindo um papel ao lado dela para enfrentar

as dificuldades de um período tão atípico. Mas, paradoxalmente, acho que foi um ano que nos trouxe uma série de felicidades, como retomar os eventos regulares, com uma programação mais sistematizada de atividades; a Revista, uma ideia que eu havia germinado e que a Nathalie efetivou, agora surgindo com esse nome maravilhoso [risos] e com ótimos alunos que vieram para realizar esse projeto.

Não me entendam mal, sem dúvida esse ano foi meio “parado” em relação aos anteriores, pois o Brasil e o mundo pararam, quase não há dinheiro ou mesmo condições sanitárias para viajar, ir a congressos e eventos. Ainda assim, eu sinto que chegamos a um momento de consolidação, de estabelecer uma base sólida e começar a criar raízes, um momento em que cada vez mais nós professores estamos sendo chamados para mais eventos, entrevistas e publicações; institucionalmente também, com o primeiro processo de Doutorado e o que indiquei antes, como também de aperfeiçoamento pessoal de cada um, pois vários professores estão em um momento ascendente em suas carreiras, pelo menos como eu percebo.

No entanto, do ponto de vista da área de filosofia e das humanidades em geral, eu acho importante dizer mais algumas coisas. Recentemente, a Prof<sup>a</sup>. Nathalie me pediu para representar o Programa em uma reunião com a Coordenação de área da CAPES. Olha, foi horrível para mim, por algumas razões. Eu me

considero uma pessoa otimista, alto astral etc, mas foi horrível, pois a impressão que eu tive é que qualquer aspecto qualitativo [da avaliação] será abandonado.

A partir dos próximos meses nós seremos avaliados por índices e parâmetros quantitativos, ou seja, utilizarão um puro construto, uma ficção puramente métrica, que não reflete a qualidade dos textos. Isso, do ponto de vista da área de filosofia, é muito triste, mas para mim, o mais triste no fundo é descobrir as causas disso. Eu já sabia que o atual governo é uma administração que não valoriza as humanidades e muito menos a filosofia e a sociologia, o que não é nada de novo; o que eu descobri nessa reunião e que me deixou muito mal — pode ser que por ignorância minha —, é que profissionais e pesquisadores das áreas de ciências exatas e ciências biológicas estão dando apoio para esse tipo de perspectiva em que, no limite, as humanidades ficarão sujeitas aos critérios das ciências exatas, que são externos e estranhos à filosofia. Isso ocorre assim: haverá o mesmo critério para que eu, como química, física, engenheira, advogada ou filósofa seja avaliada da mesmíssima maneira, mas quem guia e dirige o critério são as ciências exatas e as ciências biológicas, e seus representantes estão felizes com isso, não estão “nem aí” com o que está acontecendo com as grandes áreas das humanidades! Então, o que me deixou surpresa e eu não sabia, é que pesquisadores de ponta estão simplesmente desconstruindo ou dando apoio para a desconstrução das humanidades por dentro!

Essa reunião deixou isso muito claro para mim: professores como eu, associados, titulares, que, apesar de suas posições, enxergam as humanidades dessa forma.

Eu saí dessa reunião com a impressão de que nós estamos voltando para o positivismo mais nu e cru! Eu sinto que estamos voltando para quando Comte queria deixar a filosofia como mero instrumento, uma mera ferramenta sistematizadora e, nessa concepção, apenas as ciências naturais, exatas e biológicas é que tinham verdadeiro valor. Atualmente, até por ter participado dessa reunião recentemente, estou com muita tristeza e acho que hoje precisamos sobreviver. Se nós conseguirmos sobreviver, mantendo o Mestrado e o Doutorado vivos, já estará excelente!

**FCM:** Quando vocês fizeram a pergunta, pensei em dizer o seguinte: olha, desafios e perspectivas em uma palavra? Sobreviver. Isso que a Luciana falou ao final é exatamente o que precisamos fazer.

Mas comentando ainda um pouco mais essa questão, eu acho que devemos nos lembrar do velho Kant e, inspirados nele, poderíamos chamar essa situação de “conflito das faculdades”, pois a gente vive esse conflito inclusive internamente à UFABC. Na época da última eleição para Reitor [2018], por exemplo, um professor respeitado na UFABC escreveu um e-mail defendendo um dos candidatos falando mais ou menos o seguinte: “Eu

avisei que esse negócio de criar a área de humanidades ia dar problema!", e muitas pessoas nas áreas de ciências naturais e exatas concordaram, pois possuem desprezo pelas ciências humanas e isso vem se espalhando na sociedade brasileira em geral. Eu me lembro, por exemplo, quando o ex-governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin [2001-2006 e 2011-2018] falou sobre a FAPESP [Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo] algo como: "Vocês fazem muita pesquisa em ciências humanas, para quê fazer isso?" .

No entanto, essa visão, que já era comum na política e na sociedade, se radicalizou e espalhou mais ainda, sendo que quando o atual governo federal e o congresso foram eleitos em 2018, isso foi elevado a um desastre, no sentido de levar ao poder justamente essa visão de mundo que possui verdadeiro desprezo pelas ciências humanas, pela sabedoria, pelos direitos humanos. Naquele momento ficou claro para onde o Brasil estava indo, na minha opinião. Então, nada desse posicionamento é surpresa, pois em nenhum momento eu acreditei, como vários conhecidos meus, que seria possível "controlar" o presidente ou algo assim. Não, definitivamente, o desastre está feito e nada indica que será desfeito em breve, pois ele é favorito à reeleição em 2022.

E é um fato: uma das coisas que mais me desapontam é perceber quem são as pessoas que favorecem esse movimento, pessoas que a princípio esperávamos jamais fazer isso, seja no seu voto,

seja no apoio a projetos como esse da avaliação das produções, que prejudicam de maneira clara e evidente as ciências humanas, mesmo no interior da comunidade científica.

**LZ:** Exato. E, nesse sentido, eu concordo com a avaliação do Prof. Marcos Nobre [UNICAMP] no seu último livro: o atual governo está conseguindo destruir as humanidades por dentro e isso é sinal de que o atual presidente não é louco ou algo assim, mas sim muito consciente, ele sabe efetivamente o que quer nesse aspecto.

Estão conseguindo destruir as humanidades por dentro e talvez o direito consiga se salvar, não sei, mas da filosofia, da história, da geografia, da sociologia e das demais humanidades eu não sei o que vai sobrar. Então, para resumir, a resposta é: as perspectivas não são favoráveis, infelizmente. Mas se trata de sobreviver e eu vejo inclusive a RFIM como um instrumento de sobrevivência, de “preservação da existência”, para usar o conceito espinosano, pois se a gente conseguir isso, mais à frente talvez a gente consiga sair do conatus e ir para a vontade de potência [risos] e nos afirmar.

**RFIM:** *Em 2015 o Prof. Fernando deu uma entrevista para a ANPOF comentando as expectativas do Programa que acabava de abrir e nela dizia: “Outro diferencial almejado pelo programa diz respeito à valorização de uma reflexão que, apoiada no estudo sistemático da*

*História da Filosofia (procurando seguir a boa tradição da filosofia acadêmica no Brasil), tenha seus olhos voltados para o presente e os problemas suscitados pela contemporaneidade. Assim, a ideia é conjugar a tradição do rigor na exegese dos textos clássicos com a capacidade de inovação no diálogo com outras áreas do saber e na perspectiva contemporânea.” (ver Anexo). Tais expectativas consolidaram-se? Gostaríamos que vocês comentassem um pouco mais sobre isso.*

**LZ:** Como indiquei antes, eu acredito que há uma maior inquietude e necessidade dos alunos de, nas pesquisas, optarem por temas contemporâneos, em detrimento dos temas e pesquisas clássicas. Eu concordo plenamente com o que está dito nessa citação e minha impressão, é que, primeiramente, assumir um trabalho rigoroso e exaustivo de compreensão e interpretação da tradição filosófica é central na apropriação que pode ser feita, na tentativa de apreensão dos nossos problemas contemporâneos.

**FCM:** Concordo com a Luciana. Temos que garantir que todas as pesquisas estejam dentro de certo padrão alto de qualidade e levar em conta, além dos alunos, a produção e pesquisa dos docentes. Eu tenho a impressão de que nós, enquanto docentes, temos nos esforçado para tentar pensar o contemporâneo a partir do nosso repertório sólido de história da filosofia, como o próprio trabalho da Luciana é um exemplo, nas intervenções e pesquisas que vem fazendo na filosofia da ciência e temas correlatos.

Já sobre a heterogeneidade das pesquisas de nosso Programa e sobre a questão de pensar o contemporâneo: a UFABC parece nos fornecer um perfil de alunos mais voltado para questões contemporâneas e, portanto, um aluno que queira fazer uma pesquisa rigorosa dos "clássicos", seja da filosofia antiga, da medieval ou da moderna, ainda que tenha espaço para trabalhar conosco, talvez seja mais provável que ele ou ela acabe procurando outro programa e outras universidades.

Isso poderia, para muitos, até parecer ruim de início, mas precisamos exigir um padrão de qualidade dos alunos que desejam pesquisar questões contemporâneas. Como a Luciana descreveu corretamente, isso deve ser feito tal qual o padrão que se exige em um trabalho mais tradicional e, ao mesmo tempo, essas pessoas podem se sentir mais "em casa" na UFABC, tendo liberdade para pesquisar temas contemporâneos de maneira rigorosa, o que confere um perfil para o Programa, tendo em vista que não podemos também abarcar todas as possibilidades.

Eu acredito que diferentes Programas estão adquirindo perfis diferentes, especificidades de pesquisa, e o nosso perfil vai nessa direção, de modo que, é claro, não podemos descuidar do aspecto da qualidade, mas devemos encontrar formas de atrair alunos que gostariam de fazer pós-graduação com a gente.

**LZ:** Quero fazer um complemento à minha resposta anterior. Diferente de pessoas que consideram a noção de interdisciplinaridade como algo “muito vago”, eu vejo que um dos frutos da UFABC são trabalhos que apresentam rigor, ainda que sejam mais abrangentes, e acredito que a gente consegue fazer isso muito bem. Mesmo quando o grosso do trabalho é ir à história da filosofia, acredito que esses elementos aparecem, ainda que apenas em reflexões nas considerações finais das dissertações ou em publicações e desdobramentos posteriores. Eu sinto que os nossos alunos têm essa capacidade um pouco mais abrangente e assino em baixo do que disse o Fernando, acho que essa ideia presente na citação de alguma maneira está sendo construída sim e acho que essa é a cara do nosso Programa.

**FCM:** De fato, isso é bem interessante, pois eu não me lembrava dessa entrevista, mas, sendo uma entrevista de 2015 [03 de janeiro], quando a respondi eu não tinha a exata noção de como ela se refletiria posteriormente. Eu concordo com a Luciana, acho que com vagar, como deve ser, a gente está caminhando nessa direção.

## Anexo

### **Reprodução integral da Entrevista da ANPOF com o Prof. Fernando Costa Mattos sobre a abertura do PPGFIL-UFABC<sup>3</sup>.**

"A UFABC teve seu Programa de Mestrado em Filosofia recentemente aprovado pela CAPES. O Prof. Fernando Mattos, Coordenador do Programa, respondeu a questões da ANPOF sobre as perspectivas e as atividades do Mestrado."

**ANPOF** - Quais as linhas de pesquisa do Programa e o que você diria que define a sua identidade?

**Fernando Costa Mattos** - O programa tem a Filosofia como área de concentração, e se divide em duas linhas: Teoria do Conhecimento; Ética e Filosofia Política. Tendo em vista o caráter interdisciplinar do Projeto Pedagógico da UFABC, cujos cursos de graduação são estruturados a partir de Bacharelados Interdisciplinares, entendemos que um dos diferenciais do nosso programa poderá ser o diálogo da Filosofia com outras áreas do saber. A linha de Teoria do Conhecimento poderá conversar com as ciências naturais, por exemplo, e a linha de Ética e Filosofia Política com as ciências sociais aplicadas.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.anpof.org/comunicacoes/entrevistas/entrevista-com-fernando-mattos-sobre-mestrado-da-ufabc>

Outro diferencial almejado pelo programa diz respeito à valorização de uma reflexão que, apoiada no estudo sistemático da História da Filosofia (procurando seguir a boa tradição da filosofia acadêmica no Brasil), tenha seus olhos voltados para o presente e os problemas suscitados pela contemporaneidade. Assim, a ideia é conjugar a tradição do rigor na exegese dos textos clássicos com a capacidade de inovação no diálogo com outras áreas do saber e na perspectiva contemporânea.

**ANPOF** - Quais as expectativas do Programa em relação ao perfil e origem dos estudantes que o procurarão?

**Fernando Costa Mattos** - Acreditamos que uma boa parte dos estudantes interessados em fazer a pós-graduação em filosofia da UFABC será constituída por alunos formados no nosso Bacharelado em Filosofia ou, eventualmente, em outro Bacharelado da área de Humanas (a partir do mesmo curso de base comum, o Bacharelado em Ciências e Humanidades). Mas outra parte substantiva desses estudantes - alguns dos quais nos têm procurado para obter informações - poderá vir de outras universidades do ABC, como a Universidade Metodista de São Paulo (que tem graduação em Filosofia) e a Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo, ou mesmo de outras universidades da Grande São Paulo, como USP, PUC, UNIFESP etc. A ideia é fazer um processo seletivo rigoroso, que avalie a capacidade de análise e elaboração de textos filosóficos, mas

que respeite a eventual diversidade na formação de base, de modo a favorecer a referida perspectiva interdisciplinar.

**ANPOF** - Como você vê o papel a ser desempenhado pela Pós-Graduação em Filosofia da UFABC no contexto da consolidação da área no país e, em particular, em São Paulo?

**Fernando Costa Mattos** - Acreditamos que o PPG-FIL da UFABC tem um papel importante no sentido de consolidar o processo de formação de pesquisadores em Filosofia, que vem sendo desenvolvido por tantos outros programas ao longo das últimas décadas, e, para tal, pretendemos lançar mão das mesmas estratégias básicas no que diz respeito ao rigor do trabalho exegético e à elaboração de dissertações de qualidade. Mas entendemos que o trabalho filosófico no Brasil vem apontando para a necessidade de um maior diálogo entre nós, o que pode ser talvez conseguido com um estímulo à leitura da bibliografia produzida em solo brasileiro nessas últimas décadas. Isso faz parte do já mencionado esforço para voltar os olhos ao presente no estudo dos clássicos, que vem somar-se à interdisciplinaridade como possíveis diferenciais do nosso programa.